

# A VOZ DO COMERCIO

## QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

1915-PORTO

ASSINATURAS  
(Pagamento semestral adiantado)  
CONTINENTE . . . . . 12\$00  
COLONIAS . . . . . 28\$00  
ESTRANGEIRO . . . . . 36\$00  
Numero avulso—3\$50  
Despesas a cargo do assinante

DIRECTOR E ADMINISTRADOR  
ANTONIO MARTINS DA FONSECA

EDITOR  
ALBERTO FERNANDES LEAL

Redacção e Administração  
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

Comp. e Imp. na Tipografia ARTES & LETRAS  
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

2.º ano

Pôrto, 1 de Junho de 1930

N.º 35

# A C I D A D E D O P O R T O

Pretendem estas linhas significar uma homenagem à cidade gloriosa — quicá a mais gloriosa entre todas as cidades portuguesas — que teve a honra de dar o nome ao paiz que é o orgulho de nós todos, a este belo e glorioso Portugal que a Providencia fadou para largos destinos, e que caminha ao lado das outras nações que marcham na senda do progresso, embora pareça a muitos que não.

Esta é a cidade da qual o nosso grande épico disse:

Lá na leal cidade donde teve  
Origem (como é fama) o nome eterno  
De Portugal...

Bastava esta circumstancia especialissima para que o Porto tivesse jus ao nosso carinho, á nossa grande admiração, justificando o nosso orgulho de termos nascido, os que nascemos, tripeiros.

Mas, digamos alguma coisa da historia desta formosa cidade, já que nos cometeram esta tarefa que, quanto a mim, deveria ter sido cumprida por outra pena que traçasse a homenagem digna da homenageada. A maior parte dos seus duzentos mil habitantes mal imagina o que esta magnifica terra foi desde os mais remotos seculos até os nossos dias, caminhando sempre de progresso em progresso, mercê da actividade e do espirito de iniciativa dos seus filhos, que fizeram do velho burgo medieval de estreitas ruelas e congostas intermináveis e ingremes uma cidade formosa e progressiva, que marca pelo tom de civilização que se lhe nota em todas as manifestações da sua intensa vida quotidiana.

No tempo em que os romanos habitavam a Lusitania, o Porto chama-se *Portucale Iocum*, segundo Idácio, escritor dos meados do V seculo, mas ainda sem a categoria de cidade.

O *Portucale Iocum* devia ficar muito perto de Miragaia, e seria como que um entreposto de mercadorias vindas da Gallicia, quasi fronteiro ao *Portucale castrum* que ficava situado na margem esquerda do Douro. Eram estações da grande estrada militar romana de Lisboa para Braga.

E' por esta epoca, da decadencia do imperio romano no Ocidente, que aparecem na Lusitania os godos do ocidente, ou sejam os visigodos, que entram na peninsula hispanica cerca do ano de 415. No reinado de Eurico I apossaram-se da

Peninsula onde viveram até á decadencia do imperio visigotico, que começou após o ano de 50. Deixaram os visigodos vestígios, em grande numero, da sua passagem pelo Porto e ainda hoje se pode ver nas trazeiras da capela mór da Sé um exemplar curiosissimo de casa gotica, a casa gotica de Redemoinhos, uma ruela estreitissima que não tem saída.

Quantos dos leitores conhecem esse exemplar que tem cerca de quatorze seculos de existencia? Deixo esta pergunta sem resposta, pois nem sei mesmo que resposta deveria dar-lhe...

E a vida da povoação que mais tarde havia de chamar-se o Porto, foi-se intensificando, apesar das varias invasões de que a historia nos fala, dos suevos, alanos e arabes, vendo-se Portucale já elevado á categoria de cidade cerca do ano de 580, pelos suevos quando transferiram de Meinedo para aqui a Sé que naquella povoação haviam fundado. O local escolhido para a edificação da nova Sé foi o alto da vertente direita do rio Douro, conhecido pelo nome de Pena Ventosa, e á volta deste morro começou de construir-se o burgo portucaleense, tantas vezes sujeito aos ataques mais rudes e sanguinolentos daquellas remotas eras. E após a restauração do Vilar da Pena Ventosa pelas mesnadas de Muninho Viegas, lá continuou a vida do burgo, ora segura ora periclitante até o alvorecer da nacionalidade portuguesa!

Claro que não cabe num simples artigo de revista a historia do povo tripeiro, mas desejava que aqui ficasse arquivada uma fase dela que achamos curiosa, jamais por se tratar duma epoca de progresso comercial da cidade.

O rei belonhês pretendeu um dia cercar as regalias do Bispo portucaleense e fundou para isso o fronteiro concelho de Vila Nova de Gaia, ao qual D. Afonso III chamava — «a minha Vila Nova» «Gaia Nova» e «Porto Novo!»

Creado o concelho de Vila Nova, em 1255, concedeu-lhe D. Afonso, para promover o seu engrandecimento, um Foral e Regalia de Ancoradouro de navios e barcas e aos seus pescadores as varzeas da Aforada para marcarem, dando-lhes ainda livres as propriedades que tivessem no reguengo de El-Rei como se pertencessem ao do Porto Velho.

Governava nesse tempo a diocese por-

tucalense D. Julião Fernandes a quem o comercio pagava tributo pelo trafego que se fazia pelo rio Douro até á criação do concelho; o Bispo, mesmo depois da fundação de Vila Nova, entendia que esse tributo só a ele devia ser pago. O Rei por sua vez exigia que esse tributo fosse pago á Corôa. Originou-se assim uma tremenda e prolongada contenda.

A praça do Porto exercia nessa epoca o comercio em larga escala não só com a França como tambem com o Oriente, pelo Mediterraneo, onde as mercadorias eram descarregadas, para depois, transposto o istmo de Suez, seguirem para o Levante.

Nesse tempo ainda os portugueses guiados por Vasco da Gama, não tinham aberto o caminho maritimo para a India e se foi verdade que os fenicios a soldo do rei do Egipto Néchao realizaram duas viagens de circumnavegação á Africa, a estrada *rasgada* no mar havia muito que estava desfeita, nem mesmo existiu já quaesquer indícios que pudessem servir de guia a quem quizesse dirigir-se por mar, contornando á Africa, ao paiz do marfim e das especiarias.

Coube aos Portuguezes a gloria de descobrirem definitivamente, riscando-o para sempre na superficie liquida dos mares, o caminho para o Oriente!

Para vós, heroicos Portuguezes da portentosa epoca das Descobertas, cujos corpos de aço ha muito se acham integridos no circuito perpétuo da matéria, o reconhecimento de nós todos, porque mercê do vosso esforço titânico, mais honra e mais gloria a Nação acrescentou ao seu já grande patrimonio!

Acho que devo aqui deixar mencionada a tradição existente acerca dessas viagens.

O faraó Néchao (ou Niko) que reinou de 611 a 595 A. C. talvez após a luta que travou com Nabuchodonosor, depois rei da Babilonia (onde a lendaria Semiramis construiu os celebres jardins suspensos) e com o fim de desenvolver o comercio e a navegação, assalariou marinheiros fenicios cujos conhecimentos nauticos eram, como se sabe, notaveis. Os fenicios, saindo do mar Vermelho e costeando o continente negro, realizaram o periplo de Africa, pois voltaram ao Egipto três anos depois pelo Estreito de Hercules (Gibraltar). Mais tarde o cartaginês Hanno, saiu de Cartago com sessenta embarcações, supondo-se que tenha chegado ao Cabo Bojador. E



diz ainda a tradição que o filho do faraó Psammetico, alem de ter mandado a referida expedição á volta da Africa, tentou a abertura dum canal que ligasse os mares Mediterraneo e Vermelho. Diz-se que chegou a iniciar os trabalhos, vendo-se obrigado a abandonar esse temerário projecto porque sem instrumentos apropriados nada pôde conseguir, perecendo logo no começo da obra cento e vinte mil homens.

Coube, como é sabido, ao diplomata francês Fernando Lesseps, a gloria de ter feito perfurar o canal de Suez, inaugurado solenemente em 1869.

Voltamos agora á questão do rei Afonso de Bolonha com a Mitra Portucalese. O velho Burgo que havia sido doado pela rainha D. Teresa á Sé, já não cabia na escarpada encosta do monte sobre cujo cimo assentava a catedral e ia-se estendendo até aos campos de Miragaia, onde em 1243 existiam já três quarteiros de casas. Por toda a margem direita do Douro os negociantes do Porto estabeleceram armazens, e a margem esquerda começava a sentir a influencia da expansão commercial. O Douro pejava-se de navios carregados de mercadorias que saíam e entravam na sua barra. Os navios que descarregavam na margem direita pagavam tributo ao Bispo; os que descarregavam na margem esquerda, no burgo real de Gaia, á Corôa. Ora, este modo de arrecadar os impostos não agradava nem ao Rei nem ao Bispo e o conflito tornou-se inevitavel. Anteriormente, em 1238, havia já sido celebrado um accordo que não satisfazia. Foi o accordo feito entre o Bispo D. Pedro

Salvador e D. Sancho II. D. Afonso III mandou então proceder a um inquerito, publicando-se logo a seguir o regulamento sobre o embarque das mercadorias e dos impostos que elas deviam pagar. Rompeu-se ainda desta vez o accordo, e estabeleceu-se luta que, segundo ressam as crônicas, foi sangrenta depois da qual novo accordo foi estabelecido que a questão do commercio do Douro fosse resolvida a favor das conveniências do Estado. Continuou assim a vida do burgo com alternativas de paz e guerra entre a Corôa e o Bispo, até á morte de Afonso III que cedeu ás instancias da Cúria romana — *in articulo mortis!*

Eis o que era á vida portuense do seculo XIII, quando o direito consuetudinario da revindita era a suprema lei!

Desde a época a que vimos de aludir, quantas transformações se operaram na vida cidadina do Porto, as quaes não podem certamente inumerar-se neste artigo que pretendia ser de homenagem e ia-se transformando ele mesmo em artigo historico, de historia politica, de historia economica, e não sei que mais.

Mas os portuenses foram sempre activos, progressivos, e a prova está no que era a cidade no seculo XIII e o que ella progrediu até os nossos dias.

São os tripeiros acolhedores, hospitalieiros, podendo citar-se um sem numero de exemplos para o demonstrar, mas não ser á necessario. Todavia permita-se-me referir aqui o que um inglês illustre que visitou o nosso paiz em 1827 disse deles. Que a sua hospitalidade era superior á dos lisboetas (eu tenho uma opinião um

pouco mais favoravel sobre o assunto) e confessa que foi no Porto recebido com toda a liberalidade e o mais benignamente possível. Quanto ao acao das ruas, notou que era excelente e escreveu no seu livro de que nos estamos socorrendo — «The streets of Porto are as clean as those of any English town». (As ruas do Porto são tam limpas como as de qualquer cidade inglesa).

E se não fóra o espaço que está tocando o seu limite, muito teria aqui que dizer do seu commercio, da sua industria, da sua arte, da sciencia dos portuenses, dos monumentos grandiosos que se encontram espalhados por todo o ambito da cidade, alguns dos quaes tem muito seculos de existencia e aí estão a atestar a passada grandesa e as passadas glorias da cidade da Virgem, guardando as criptas dos seus templos e o subsolo das suas necrópoles as cinzas de muitos portuenses illustres que muito lustro deram á sua acção que teve sempre em vista o progresso material e moral da sua cidade natal.

Não desejo fechar estas desataviadas linhas, sem recordar que foi o Porto o berço da revolução liberal de 1820 e que sustentou heroicamente o glorioso cerco de 1832-33, devendo-se sem duvida á sua heroica resistencia o triunfo da Causa Liberal.

Honra, pois, ao Porto, e façamos votos pelo seu engrandecimento continuo, para que as suas tradições de povo trabalhador e liberal passem intactas ás gerações vindouras!

BRAZ PORTO.

## LIVROS E PUBLICAÇÕES

Continuação da nomenclatura dos assuntos de que trata o precioso livro «Comercio e Contabilidade», de que é autor o Ex.<sup>mo</sup> Sr. F. Caetano Dias

- IX—Mancira de distinguir as sociedades comerciais  
X—Mudança de firma e denominações sociais  
XI—Transmissão de firmas e denominações comerciais  
XII—Garantias dos titulos das sociedades  
XIII—Forma de contrato de sociedade  
XIV—Sociedade em nome colectivo  
XV—Sociedade anónima  
XVI—Sociedade em comandita  
XVII—Sociedade por cotas  
XVIII—Sociedades especiais  
a) —sociedade cooperativa  
b) —conta em participação  
c) —empresas

XIX—Associações agricolas

### VII—Contratos especiais

- I—Mandato  
II—Emprestimo Commercial  
III—Penhor Commercial  
IV—Depósito Commercial  
V—Conta corrente

### 4.º CAPITULO

### Instituições e locais de comercio

#### I—Características

- I—Diferentes instituições e locais de comercio

#### II—Mercados

- I—Noção de mercados—Origem  
II—Classificação de mercados  
III—Leis económicas da troca nos mercados  
IV—Inquerito dos mercados e classificação

### III—Feira de amostras

- I—Sua função económica e classificação  
II—Organização das feiras de amostras  
III—Feiras flutuantes—Outras formas de feiras

### IV—Exposições

- I—Sua função económica e classificação

### V—Armazens e lojas

### VI—Bancos

- I—Definição  
II—Origem—Evolução  
III—História bancaria portuguesa  
IV—Classificação dos bancos  
V—Operações bancárias

### VII—Bolsas

- I—Definição — Origem — Definição das Bolsas  
II—Operações de bolsa

### VIII—Armazens Gerais

- I—Função dos Armazens Gerais — Documentos  
II—Especies de Armazens Gerais

### IX—Museus Comerciais

- I—Funções que desempenham  
II—Diversos museus comerciais

### X—Alfandegas

- I—Noções—Direitos aduaneiros

### XI—Entrepastos

- I—Definição—Função  
II—Especies de entrepostos

### 5.º CAPITULO

### Concurrencia — Monopólio — Colocações

#### I—Concurrencia

- I—Noções Gerais  
II—Livre concurrencia  
III—Concurrencia deslial

#### II—Monopólio

- I—Classificação dos monopólios

#### III—Coligações

- I—Sindicatos industriais  
II—Sindicatos de especulação

#### IV—Vantagens e inconvenientes das coligações

### 6.º CAPITULO

### Crisis económicas

- I—Características das crises  
II—Classificação das crises  
III—Causas das crises económicas  
IV—Fases das crises  
V—Denuncia das crises pelos indices  
VI—Meios de prevenir e remediar as crises

Continua.

# SECCÃO TÉCNICA

## SERVIÇO DAS EMPRESAS

### QUESTÕES DE ORGANIZAÇÃO

Dirigir constitui hoje um dos problemas mais difíceis para aqueles a quem uma tal situação faz pesar sobre os seus ombros o desempenho desta missão. Porque não basta somente mandar e dar ordens, é necessario tambem saber orientar e saber aproveitar as qualidades, competencia e os esforços daqueles que estão subordinados e prestam a sua colaboração.

Verificado isto, só assim se conseguirá obter um melhor rendimento de trabalho; a desordem nos serviços desaparecerá e a economia em parte será um facto porque permite fazer com um número restrito de pessoal o que seria feito com um maior número se uma boa organização e uma boa direcção se fizerem sentir.

Na verdade, de que servirão os conhecimentos e a competencia ás pessoas investidas no cargo de director ou chefe se afinal não souberem dirigir, não souberem utilizar essas qualidades, fazendo nascer de cada componente que lhe está subordinado a ordem e o metodo que são as bases em que deve assentar uma boa organização?

Hoje, como sempre, a maior preocupação duma empresa deve estar numa produção melhor e mais economica que possa aliviar quanto possivel o preço do custo porque só assim se conseguirá obter para os productos uma maior expansão de venda. E' claro que para se chegar a estes resultados, nada se faz ao acaso; tudo é objecto dum estudo e da elaboração dum plano de produção que só uma boa organização pode facilitar.

De resto, isto dá se até na propria vida particular; uma viagem que se pretenda fazer seja ela de pequeno ou longo curso, uma deslocação, um passeio a conhecer qualquer ponto do País, tudo é coordenado, nada se faz sem estudo, sem programa, sem economia, portanto, sem uma organização.

Ainda sob este ponto de vista e apreciadas as qualidades essenciaes que a este respeito são necessarias a quem dirige, outras ha tambem, que embora não envolvendo o mesmo valor, podem, contudo, ter bastante influencia na vida duma empresa afectando a sua produtividade.

Quero referir-me ao espirito superior com que deve ser dotado o dirigente onde a grandeza de caracter e o bom senso, a justiça e equidade sejam as suas directrices mais predominantes, mas estas qualidades toda a gente sabe que não havendo escola alguma que as encerre nos seus programas, só á Natureza, a este Grande Poder cabe a honra de dotar o homem com elas.

Isto, porque em todas as empresas sejam elas de que especie forem, públicas ou particulares, que tenham ao seu serviço operarios, empregados ou funcionarios, deve ter bastante importancia na sua exploração ou

desempenho de serviços a natureza e a qualidade dos seus dirigentes, pois é da prática dos seus actos que deve sair o incitamento do amor ao trabalho e á produção.

Devendo viver em permanente contacto com os seus operarios, empregados ou funcionarios, seja por uma forma directa seja por intermedio de encarregados ou chefes de serviço, tem que procurar observa-los em todas as suas fazes, na sua conducta, no seu trabalho, na sua dedicação e interesse para quem ele produz e nunca pondo de parte esta auscultação espalhe ainda por cima o bem individual colhendo um mal colectivo em que só a produção e o serviço tem a sofrer.

Já lá vai o tempo em que o operario não sabendo quanto valia a tudo se acomodava e sujeitava; presentemente e depois da transformação social por que se tem passado, já isso se não nota, e o que vemos é que nas grandes concentrações industriaes o operariado reúne-se formando sindicatos para defeza dos seus interesses, logo, parece que sob o ponto de vista administrativo e duma boa organização devem as empresas adotar uma politica de cooperação e de interesse entre uns e outros e nunca uma politica de exploração, tomada no sentido de se encontrar no operario ou empregado apenas um instrumento para só fomentar a riqueza e o interesse próprios porque isto pode trazer inconvenientes para a produção.

Um outro factor que tambem não deve ser alheio a um bom organisador é o alargamento desnecessario dos quadros do pessoal.

Não respeitar este principio reduzindo o pessoal ao estritamente indispensavel, é enfraquecer o rendimento do trabalho que o operario ou empregado tem de prestar, é estabelecer a lei do menor esforço entre eles, é finalmente contribuir para que percam até as suas qualidades de trabalho, porque, e isto é que não restam dúvidas, quanto maior for o número de operarios ou empregados alem do minimo que seria preciso, menores são as probabilidades de disfructarem um melhor bem estar e mais longe ficarão os salarios e ordenados de atingirem o que de facto deviam atingir.

E' preciso notar que não é num montão de gente que está a solução do problema duma sempre crescente e melhor produção; esta enorme massa de gente serve quando muito para dar apparencias de grandesa e revestir duma importancia quem muitas vezes está longe de a possuir; logo, a solução está sim mas é na aquisição de pessoal competente e bom a quem uma melhor remuneração se não pode regatear.

*Quintino Magro.*

#### LÊR NUM DOS PROXIMOS NUMEROS

**A depreciação monetaria e o seu imediato reflexo nos balanços**  
por Bernardino Godinho.

# PROBLEMAS

Esta secção é destinada a problemas de escrituração e aritmética para os leitores que os queiram apresentar ou resolver.

## Problema n.º 14

Os socios da Sociedade de Fiação e Tecidos do Leça Lda. resolveram transformá-la numa companhia, para o que procederam a inventario e balanço, apurando-se o seguinte:

### ACTIVO

Edifícios . . . . .	300.000\$00	
Moveis, Maquinismos e Utensílios . . . . .	150.000\$00	
Materias Primas . . . . .	84.000\$00	
Perdas e Lucros . . . . .	66.000\$00	600.000\$00

### PASSIVO

Capital		
Cota de Antonio Dias . . . . .	200.000\$00	
» » Manoel Fernandes . . . . .	200.000\$00	
» » Joaquim Costa . . . . .	200.000\$00	600.000\$00

A companhia adoptou a denominação de «Companhia de Fiação e Tecidos do Leça» e constituiu-se com o capital de um milhão de escudos representado por dez mil acções de cem escudos cada uma, das quaes 5340 foram dadas em pagamento dos valores do activo á sociedade transformada. Das restantes acções, sómente 3200 se conseguiram colocar por subscrição publica.

Pede-se o encerramento da escrituração da sociedade transformada e a abertura da da nova Companhia.

### A. C. G. M.

## Solução do n.º 9

Encerramento da escrituração da firma Costa & C.ª:

### Devedores e Credores a Perdas e Lucros

Antonio Fernandes Costa		
S/ parte nos prejuizos apurados nesta data . . . . .	21.641\$70	
Francisco Duarte		
Idem . . . . .	6.492\$50	
Mario Moreira da Silva		
Idem . . . . .	36.790\$80	64.925\$00

### Diversos

#### a Devedores e Credores

#### Antonio Fernandes Costa

c/ capital

a Antonio Fernandes Costa		
Transferencia desta para aquela conta . . . . .	200.000\$00	

#### Francisco Duarte, c/ capital

a Francisco Duarte		
Idem . . . . .	60.000\$00	

#### Mario Moreira da Silva

c/ capital

a Mario Moreira da Silva		
Idem . . . . .	340.000\$00	600.000\$00

### Liquidação a Diversos

Pelos saldos das seguintes contas, que representam o Activo, que nesta data se transfere para a firma Costa Ferreira & C.ª, conforme escritura desta data etc.

a Caixa . . . . .	10.000\$00	
a Moveis e Utensílios . . . . .	120.000\$00	
a Mercadorias . . . . .	375.000\$00	
a Devedores e Credores, devedores . . . . .	90.765\$00	
a Letras a Receber . . . . .	60.770\$00	656.535\$00

### Diversos a Liquidação

Pelos saldos das seguintes contas, que representam o Passivo, que nesta data se transfere para a firma Costa Ferreira & C.ª, conforme escritura desta data etc.

### Devedores e Credores,

credores . . . . . 578.535\$00

Letras a Pagar . . . . . 78.000\$00 656.535\$00

Encerramento da escrituração da firma Americo Ferreira & C.ª Lda.

Nota. — Como o problema não indica a cota de cada cada um dos socios, parto da hipotese de que são as seguintes:

Americo Ferreira de Carvalho	410.000\$00	
Alberto Pereira de Matos . . . . .	65.000\$00	
Mauricio Lopes de Castro . . . . .	345.000\$00	
Candido Moreira . . . . .	80.000\$00	
	900.000\$00	

### Diversos

#### a Perdas e Lucros

Pela transferencia para esta dos saldos das seguintes contas:

#### Reserva para Contribuições e Impostos (1) . . . . .

9.000\$00

Fundo de Reserva . . . . . 201.000\$00 210.000\$00

### Diversos

#### a Devedores e Credores Perdas e Lucros

a Americo Ferreira de Carvalho

Pela transferencia desta para aquela conta da s/ parte nos lucros apurados . . . . .

104.529\$50

a Alberto Pereira de Matos

16.571\$75

a Mauricio Lopes de Castro

87.957\$75

a Candido Moreira

20.396\$00 229.455\$00

**Capital**

a Americo Ferreira de Carvalho		
Pela transferencia desta para aquela conta . . . . .	410.000\$00	
a Alberto Pereira de Matos		
Idem . . . . .	65.000\$00	
a Mauricio Lopes de Castro		
Idem . . . . .	345.000\$00	
a Candido Moreira		
Idem . . . . .	80.000\$00	900.000\$00

**Liquidação a Diversos**

Pelos saldos das seguintes contas, que representam o Activo, que nesta data se transfere para a sociedade Costa, Ferreira & C.ª, conforme escritura desta data etc.

a Caixa . . . . .	10.200\$00	
a Mercadorias . . . . .	580.960\$00	
a Letras a Receber . . . . .	115.000\$00	
a Consignações de c/ alheia . . . . .	35.000\$00	
a Devedores e Credores, devedores . . . . .	283.640\$00	
a Consignações de c/ propria . . . . .	60.500\$00	
a Moveis e Utensilios . . . . .	12.000\$00	
a Borges & Irmão, c/ deposito . . . . .	102.700\$00	1200.000\$00

**Devedores a Credores a Liquidação**

Pelos saldos credores daquela conta, que representa o Passivo, que nesta data se transfere para a sociedade Costa, Ferreira & C.ª, conforme escritura, etc. . . . .

1200.000\$00

(1) Saldei a conta «Reserva para contribuições e impostos» por credito de Perdas e Lucros, porque supponho já estarem pagas todas as contribuições e ser o saldo de Esc. 9.000\$00 apenas um excesso de reserva. Porem se se tratasse de contribuições a liquidar, transferir-se-hia esta conta para o passivo da nova sociedade sob o titulo de «Americo Ferreira & C.ª Lda. c/ contribuições a liquidar».

Abertura da Escrituração da firma Costa, Ferreira & C.ª:

**Diversos a Capital**

Pelo capital com que se constituiu a sociedade Costa, Ferreira & C.ª, conforme escritura desta data, etc.

**Antonio Fernandes**

Costa, c/ capital . . . . .	300.000\$00	
<b>Americo Ferreira de Carvalho</b> c/ capital . . . . .	500.000\$00	
<b>Francisco Duarte</b> , c/ capital . . . . .	100.000\$00	
<b>Mario Moreira da Silva</b> , c/ capital . . . . .	600.000\$00	
<b>Alberto Pereira de Matos</b> , c/ capital . . . . .	80.000\$00	
<b>Mauricio Lopes de Castro</b> , c/ capital . . . . .	420.000\$00	
<b>Candido Moreira</b> , c/ capital . . . . .	100.000\$00	2100.000\$00

**Diversos a Costa & C.ª**

Pela transferencia para esta sociedade dos saldos das contas que representam o Activo desta firma, conforme escritura etc.:

a Caixa . . . . .	10.000\$00	
a Moveis e Utensilios . . . . .	120.000\$00	
a Mercadorias . . . . .	375.000\$00	
a Devedores e Credores, devedores . . . . .	90.765\$00	
Letras a Receber . . . . .	60.770\$00	656.535\$00

**Costa & C.ª a Diversos**

Pela transferencia para esta sociedade dos saldos das contas que representam o Passivo desta firma, conforme escritura.:

a Devedores e Credores, credores. . . . .	578.535\$00	
a Letras a Pagar . . . . .	78.000\$00	656.535\$00

**Diversos**

**a Americo Ferreira & C.ª, Lda.**

Pela transferencia para esta sociedade dos saldos das contas que representam o Activo desta firma, etc.

Caixa . . . . .	10.200\$00	
Mercadorias . . . . .	580.960\$00	
Letras a Receber . . . . .	115.000\$00	
Consignações de c/alheia . . . . .	35.000\$00	
Devedores e credores devedores . . . . .	283.640\$00	
Consignações de c/ propria . . . . .	60.500\$00	
Moveis e Utensilios. . . . .	12.000\$00	
Borges & Irmão, c/ deposito . . . . .	102.700\$00	1200.000\$00

**Americo Ferreira & C.ª Lda.**

**a Devedores e Credores**

Pela transferencia para esta sociedade dos saldos credores desta conta, que representa o Passivo daquela firma . . . . .

1200.000\$00

**Devedores e Credores  
a Diversos**
**a Antonio Fernandes  
Costa, c/ capital**

Antonio Fernandes Costa  
Transferencia daquela  
para esta conta . . . 178 358\$30

**a Francisco Duarte, c/  
capital**

Francisco Duarte  
Idem . . . . . 53 507\$50

**a Mario Moreira da  
Silva, c/ capital**

Mario Moreira da Silva  
Idem . . . . . 303 209\$20

**a Americo Ferreira de  
Carvalho, c/ capital**

Americo Ferreira de Car-  
valho  
Idem . . . . . 500.000\$00

**a Alberto Pereira de**

**Matos, c/ capital**  
Alberto Pereira de Matos  
Idem . . . . . 80.000\$00

**a Mauricio Lopes de  
Castro, c/ capital**

Mauricio Lopes de Castro  
Idem . . . . . 420.000\$00

**a Candido Moreira, c/  
capital**

Candido Moreira  
Idem . . . . . 100.000\$00 1635 075\$00

**Caixa a Diversos**
**a Antonio Fernandes  
Costa, c/ capital**

Recebido . . . . . 121.641\$70

**a Francisco Duarte, c/  
capital**

Idem . . . . . 46 492\$50

**a Mario Moreira da Sil-  
va, c/ capital**

Idem . . . . . 296.790\$80 464.925\$00

Porto, 1930

*Arnaldo Moreira.*

## CONTABILIDADE APLICADA ÀS COMPANHIAS DE SEGUROS

(Continuação)

### Apolices

A *credito* escriptura-se a importancia da apolice cobrada pela companhia juntamente com o primeiro premio.

E' *debitada* pelo saldo que apresentar, debitando-se Lucros—Perdas.

### Imposto

Esta conta representa os impostos que são cobrados dos segurados quando eles pagam o respectivo premio

*Credita-se* pela importancia recebida.

*Debita-se* quando se efectua o pagamento ao Fisco.

### Selos e Estampilhas

Esta conta representa o movimento de entrada e sahida de selos do correio e de estampilhas necessarias ás apolices, aos recibos e outros documentos.

*Debita-se* pelas aquisições.

*Credita-se* pelas estampilhas cobradas dos segurados e pela importancia verificada dos selos e estampilhas que a companhia despendeu com a correspondencia e afixou nos documentos que se exigiam.

O *saldo* indica a importancia do que deve existir na caixa de selos.

### Emprestimos

Esta conta representa os adiantamentos que a companhia concede mediante a caução da apolice.

E', pois, uma conta garantida.

*Debita-se* pelo que o segurado recebe e pelos juros do correspondente debito.

*Credita-se* pelo que é recebido para liquidação parcial ou total da conta.

O *saldo* é sempre devedor.

### Renda vitalicia imediata

Como sabemos, os contratos de renda vitalicia fundam-se num certo capital denominado premio unico entregue por uma pessoa á Companhia para que esta lhe pague ou a qualquer outra pessoa designada no contrato, uma renda annual ou semestral emquanto ela viver.

A conta é *creditada* pelos premios unicos recebidos durante o ano, pelas importancias debitadas, na sua oportunidade, ao Fundo de accumulção e, no começo do novo exercicio, pela Reserva do ultimo inventario.

E' *debitada* pelas rendas ou prestações pagas, pelas despesas que a operação ocasionar e pela Reserva calculada no actual inventario.

Creditando-se, pois, a conta pela importancia total dos premios unicos que constituem os recursos da companhia destinados ao pagamento das rendas do ano actual e dos exercicios posteriores, devemos tirar de taes premios as Reservas pertencentes ás rendas futuras, razão pela qual a conta é debitada e Reserva creditada.

Por este mecanismo temos que o saldo da conta representa lucro ou prejuizo.

No inicio do novo ano reabre-se a conta com a importancia da Reserva do ultimo inventario.

### Seguros vencidos

Esta conta representa o valor dos seguros mixtos que atinjiram ao seu vencimento.

Emquanto o contrato vigorou e os premios foram regularmente recebidos, a companhia constituiu a

Reserva normal destinada ao cumprimento da obrigação assumida quando emitiu a apolice.

Do vencimento em diante não se formarão mais Reservas e as que pertencerem, nesse vencimento, aos Seguros vencidos transferir-se-hão para credito desta conta.

Isto significa que o resgate se efectua com o producto da Reserva respectiva, que anualmente era creditada á conta da classe a que estava subordinada a apolice vencida, conta esta que é, agora, debitada.

Credita-se na data em que se vence o seguro pela importancia que lhe corresponde.

Debita-se pelos pagamentos que a respeito se effectuarem.

O saldo, se houver, é sempre credor e representa o que ainda está por pagar.

**Reservas technicas**

Esta conta é creditada, na data dos Balanços, pelas Reservas que correspondem ás apolices em vigor, debitando-se as varias especies de seguros aos quaes pertencem.

E' debitada no inicio do novo ano, pela importancia da Reserva que foi calculada no inventario do ano anterior, creditando-se as contas em que os contratos estão classificados.

Aparece, então, no fim dos exercicios com as correlativas Reservas.

E' encerrada no começo dos exercicios posteriores.

**Livros e material do expediente**

Como é muito numeroso o material, (livros, impressos, carimbos, etc.), usado pelas companhias, esta conta representa:

a debito, a importancia das aquisições;

a credito, a percentagem de redução que varia com o maior ou menor consumo do ano. O valor dessa percentagem debita-se a L. e P.

O saldo indica o material existente cuja importancia pode ser levada a um certo minimo quando o lucro da companhia comportar uma carga que o justifique.

**Reserva de reseguos**

Nesta conta escripturam-se as reservas das importancias reseguradas.

E' debitada, no fim do exercicio, pelo valor das Reservas das apolices de reseguo, creditando-se a respectiva conta de categoria.

E' creditada, no começo do novo exercicio, pela importancia que figurou no inventario do ano anterior, debitando-se a categoria.

Do mesmo modo, mas collocando-se os valores inversamente, abre-se a conta no fim do ano para ser encerrada no começo do seguinte.

Dahi resulta que as Reservas technicas figuram no balanço com o seu valor bruto.

**Despesas medicas**

Debitam-se pelos honorarios dos medicos e pelas despesas dos exames effectuados por conta da companhia.

Creditam-se, no balanço, pelo saldo da conta que é levado a L. e P.

**Medicos**

Esta conta é creditada pelos honorarios dos medicos.

E' debitada quando se efectua o relativo pagamento.

O saldo só pode ser credor e representa os honorarios vencidos e ainda por pagar na data do balanço.

**Reservas de rendas vitalicias**

Na data do inventario esta conta é creditada pela reserva que fôr determinada.

E' debitada, no começo do novo exercicio, pela mesma importancia da reserva transferida para credito de Rendas vitalicias.

(Continua)

Do meu livro «Tratado de Seguros».

Horacio Berlinck.

**CALCULOS DE FACTURAS ESTRANGEIRAS**

(Continuação)

**Calculos da factura n.º 4**

**1.ª PARTE**

Nota — O frete da estrada de ferro e carroto, Santos a S. Paulo, desta factura são de 365000.

**1.ª COLUNA**

Inscvem-se nesta columna todos os artigos, cujos preços desejamos conhecer.

**2.ª COLUNA**

Anote-se nesta o preço do custo na origem de cada artigo que encontraremos na factura.

**3.ª COLUNA**

Nesta columna deve-se escrever, na casa correspondente aos 50 jogos, marcos 4.20 com mais 5.40=9.60, provenientes de gastos até Hamburgo, caixa e embalagem.

Na casa das 72 duzias de facões anotaremos os 3 marcos correspondentes ás despesas de embarque.

Para as outras 5 casas, temos que somar os pesos brutos de cada artigo, assim: 251+192+202+150+95=890 kilos.

Agora temos que dividir os 8 marcos por 890, com o fim de obter um quociente que multiplicado pelos kilos de cada artigo dará as despesas correspondentes a cada artigo, assim:

$$\frac{8}{890} = 0,009$$

$$\begin{array}{l} 251 \times 0,009 = 2,26 \\ 192 \times 0,009 = 1,73 \\ 202 \times 0,009 = 1,82 \\ 150 \times 0,009 = 1,35 \\ 95 \times 0,009 = 0,84 \end{array}$$

**4.ª COLUNA**

O frête é de marcos 87,90 com mais 8,65 de despesas consulares, são: 96,55. Agora sendo o total do peso bruto 1182 kilos, deve dividir-se 96,55 por 1182



Agora multiplica-se os totaes de cada artigo, que acharemos na columna 7, por 0,02:

Os 50 jogos de pratos custaram	$50\delta 430 \times 0,02 = 1\delta 009$
As 72 duzias de facões »	$563\delta 498 \times 0,02 = 11\delta 270$
» 170 gs. de ganchos »	$121\delta 253 \times 0,02 = 2\delta 425$
» 64 » » » »	$82\delta 125 \times 0,02 = 1\delta 643$
» 110 » » escápulas »	$93\delta 480 \times 0,02 = 1\delta 870$
» 162 » » » »	$156\delta 900 \times 0,02 = 3\delta 138$
» 3500 aldravas »	$352\delta 853 \times 0,02 = 7\delta 057$

## 11.ª COLUMNA

Aumentar 10% juros por 6 mezes sobre direitos frete e carreto das columnas 8 e 9 que somaremos horizontalmente. Primeiramente porém, procuraremos os juros da unidade por 6 mezes, a 10% ao ano, do modo seguinte:

$$\frac{10 \times 6}{100 \times 12} = 0,05$$

Os 50 jogos pagaram de direito e frete:

$$39\delta 467 + 1\delta 279 = 40\delta 746 \quad | \quad 40\delta 746 \times 0,05 = 2\delta 037$$

As 72 duzias de facões:

$$416\delta 235 + 7\delta 614 = 423\delta 849 \times 0,05 = 21\delta 193$$

As 170 grosas de ganchos:

$$202\delta 159 + 8\delta 645 = 209\delta 804 \times 0,05 = 10\delta 490$$

As 64 grosas de ganchos:

$$149\delta 431 + 5\delta 848 = 155\delta 279 \times 0,05 = 7\delta 764$$

As 110 grosas de escápulas:

$$162\delta 613 + 6\delta 515 = 168\delta 765 \times 0,05 = 8\delta 438$$

As 162 grosas de escápulas:

$$117\delta 797 + 4\delta 569 = 122\delta 366 \times 0,05 = 6\delta 118$$

As 3500 aldravas:

$$78\delta 278 + 2\delta 893 = 81\delta 171 \times 0,05 = 4\delta 059$$

## 12.ª COLUMNA

Aumentar 10% por «Gastos Internos». Some-se as columnas 7, 8 e 9 horizontalmente para saber os preços dos artigos e depois multiplicaremos por 0,10 para formar esta columna. Este 0,10 representa a percentagem da unidade:

$$\frac{10}{100} = 0,10$$

A columna A dá:

$$50\delta 430 + 39\delta 467 + 1\delta 279 = 91\delta 176 \times 0,10 = 9\delta 188$$

A columna B dá:

$$563\delta 498 + 416\delta 255 + 7\delta 614 = 987\delta 367 \times 0,10 = 98\delta 737$$

A columna C dá:

$$121\delta 253 + 202\delta 159 + 7\delta 645 = 331\delta 057 \times 0,10 = 33\delta 160$$

A columna D dá:

$$82\delta 125 + 149\delta 431 + 5\delta 848 = 237\delta 404 \times 0,10 = 23\delta 740$$

A columna E dá:

$$93\delta 480 + 162\delta 613 + 6\delta 515 = 262\delta 245 \times 0,10 = 26\delta 225$$

A columna F dá:

$$156\delta 900 + 117\delta 797 + 4\delta 569 = 179\delta 266 \times 0,10 = 17\delta 927$$

A columna G dá:

$$352\delta 853 + 78\delta 278 + 2\delta 893 = 434\delta 024 \times 0,10 = 43\delta 402$$

## 13.ª COLUMNA

Procurar o preço de custo do artigo posto no armazem. Para isso é necessario somar as columnas 7, 8 e 9 horizontalmente e dividir depois esse resultado pelo numero de objectos para achar o valor da unidade, da duzia ou da grosa, como está indicado.

Os 50 jogos de pratos custaram 91\delta 176; para saber o preço de 1 dividimos:

$$\frac{91\delta 176}{50} = 1\delta 824$$

As 72 duzias de facões custaram 987\delta 367:

$$\frac{987\delta 367}{72} = 13\delta 713$$

As 170 grosas de ganchos custaram 331\delta 057:

$$\frac{331\delta 057}{170} = 1\delta 947$$

As 64 grosas de ganchos custaram 237\delta 404:

$$\frac{237\delta 404}{64} = 3\delta 709$$

As 110 grosas de escápulas custaram 262\delta 245:

$$\frac{262\delta 245}{110} = 2\delta 384$$

As 162 grosas de escápulas custaram 279\delta 266:

$$\frac{279\delta 266}{162} = 1\delta 724$$

As 3500 aldravas custaram 434\delta 024, dividimos por 3.500 e multiplicamos por 12 para conhecer o preço de uma duzia:

$$\frac{434\delta 024 \times 12}{3500} = 1\delta 488$$

## 14.ª COLUMNA

Para procurar o preço de custo do artigo para a venda, devemos somar horizontalmente as columnas 7, 8, 9, 10, 11 e 12 e o resultado deve se dividir, como fizemos, pela columna 13.

Os 50 jogos de pratos custaram 103\delta 340; para saber o preço de um, dividimos:

$$\frac{103\delta 340}{50} = 2\delta 066$$

As 72 duzias de facões custaram 1.118\delta 567:

$$\frac{1.118\delta 567}{72} = 15\delta 535$$

As 170 grosas de ganchos custaram 377\delta 078:

$$\frac{377\delta 078}{170} = 2\delta 218$$

As 64 grosas de ganchos custaram 270\delta 551:

$$\frac{270\delta 551}{64} = 4\delta 227$$

As 110 grosas de escápulas custaram 298\delta 778:

$$\frac{298\delta 778}{110} = 2\delta 716$$

As 162 grosas de escápulas custaram 316\delta 449:

$$\frac{316\delta 449}{162} = 1\delta 953$$

As 3500 aldravas custaram 488\delta 542: dividimos por 3.500 e multiplicamos por 12, assim:

$$\frac{488\delta 542 \times 12}{3500} = 1\delta 675$$

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Designação das mercadorias Factura n.º 4 Alemanha	Custo liquido na origem	Despesas de embarque	Frete marítimo e despesas consulares	Seguro marítimo	Total em marcos	Redução a moeda brasileira Cambio 0,5750	Direito aduaneiro e despesas de despacho	Fretes e carreto Santos até ao armazem	Aumentar 4% juros por 6 mezes s/ custo, despesa, frete e seguro	Aumentar 10% juros por 6 mezes s/ as partidas 8 e 9	Aumentar 10% por Gastos Internes.	Preço de custo do artigo	
												Posto no Armazem	Para a venda
A) — 50 jogos para pratos bandejas de madeira . . .	55,30	9,60	3,43	0,71	67,24	50,5480	39,5467	1,5279	1,5009	2,5037	9,5118	Por unidade 1,5824	idem 2,5066
B) — 72 duzias facões . . . . .	720,00	3,00	20,42	7,91	751,33	563,5498	416,5255	7,5614	11,5270	21,5193	98,5737	Por duzia 13,5713	idem 15,5535
C) — 170 grosas de ganchos de ferro N.º 103. . . . .	197,20	2,26	20,51	1,70	161,67	121,5253	202,5159	7,5645	2,5425	10,5490	33,5106	Por gros. 1,5947	idem 2,5218
D) — 64 grosas de ganchos de ferro N.º 104. . . . .	90,95	1,73	15,67	1,15	109,50	82,5125	149,5431	5,5848	1,5643	7,5764	23,5740	Por gros. 3,5709	idem 4,5227
E) — 110 grosas de escáculas de ferro N.º 104. . . . .	105,00	1,82	16,51	1,31	124,64	93,5480	162,5613	6,5152	1,5870	8,5438	26,5225	Por gros. 2,5384	idem 2,5716
F) — 162 grosas de escáculas de ferro N.º 100 . . . . .	193,40	1,35	12,25	2,20	209,20	156,5000	117,5797	4,5569	3,5138	3,5118	27,5927	Por gros. 1,5724	idem 1,5953
G) — 3.500 aldravas N.º 105 . . . . .	456,90	0,84	7,76	4,97	470,47	352,5853	78,5278	2,5893	7,5057	4,5059	43,5402	Por duzia 1,5488	idem 1,5675
H) — Totaes. . . . .	1756,95	20,60	96,55	19,95	1894,05	1.420,5439	1.166,5000	36,5000	28,5412	60,5099	262,5255	—	—

Prof. Giudicelli Jean Brando.

## Pequenas, grandes coisas . . .

Sob este titulo, iniciamos hoje a publicação de alguns assuntos que, embora á primeira vista pareçam sem importancia, são de grande utilidade nesta época em que todos têm o desejo de produzir muito em pouco tempo. Lembraremos também coisas velhas que é preciso ir modernizando porque a prática nos aconselha.

Começaremos pela questão tão debatida e até já tratada nesta revista, do titulo do «Lucros e Perdas».

Por que razão se não escreve «Perdas e Lucros»? pela mesma razão por que os velhos ainda escrevem phosphoros e pharmacia! . . .

«Empréstimos sobre Penhor, ou «Empréstimos sobre Penhores»? Tenho visto este titulo, deturpado em balancetes e relatorios de algumas emprêsas.

Deve escrever-se: «Empréstimos sobre Penhores, o contrario nada justifica.

Como se faz uma multiplicação mentalmente, cujo multiplicando e multiplicador não sejam inferiores a 11 e superiores a 19?

Ex.  $14 \times 16 = 224$

Obtem-se este resultado, da seguinte forma:

Soma-se a dezena 14 com a unidade 6, o que dá 20; depois multiplicam-se as unidades:  $4 \times 6 = 24$ .

$$\begin{array}{r} \text{Temos: } 14 + 6 \quad 20 \\ \quad \quad \quad 4 \times 6 \quad 24 \\ 14 \times 16 = \quad 224 \\ 13 \times 15 = a? \\ 13 \text{ e } 5 \dots 18 \\ 3 \times 5 \dots 15 \\ \hline 195 \end{array}$$

Ou 18 e 1 19 . . . 5 195

Note-se que a soma é feita em primeiro lugar, depois a multiplicação.

E' preciso reter na memoria a soma da dezena (13) com a unidade (5)  $13 + 5 = 18$  e depois somar mais o algarismo da esquerda (1) do producto da multiplicação ( $3 \times 5 = 15$ ) : 18 e 1 = 19 e juntar (não somar) a esse numero o algarismo da direita do producto da multiplicação (5) 19 . . . 5 195.

$$\begin{array}{r} 17 \times 18? \\ 17 \text{ e } 8 = 25 \\ 7 \times 5 = 36 \\ \hline 306 \\ 25 \text{ e } 5 = 30 \dots 6 \quad 306 \\ \text{Luanda, 1930.} \end{array}$$

M. V.

# ARITMÉTICA SIMPLIFICADA

## NUMERAÇÃO

**Numeração** é a parte da aritmética que trata da representação dos numeros por meio de palavras (numeração falada) ou sinais especiais (numeração escrita).

Como a série dos numeros é ilimitada porque, por muito grande que seja um numero, podemos torna-lo maior acrescentando-lhe uma unidade, seria impossivel arranjar para cada um deles um nome especial, pelo que se estabeleceu um meio de, cada um limitado número de palavras, mas facilmente deduzíveis umas das outras, se designarem todos os numeros que se possam imaginar. Dessas palavras, ha doze que são as primitivas e de onde se deduzem as outras: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez ou dezena, cem ou centena, mil ou milhar. Em vez de se dizer dez e um, dez e dois, dez e três, etc., diz-se onze, doze, treze, etc.. Em vez de se dizer duas, três, quatro, etc., dezenas, diz-se: vinte, trinta, quarenta, etc.. Em vez de se dizer duas, três, quatro centenas, diz-se duzentos, trezentos, quatrocentos, etc.. A seguir ao milhar temos o milhão, o bilião, o trilião, o quatrilhão, o quintilhão, o sextilhão, o septilhão, o otilhão, o nonilhão, o decilhão...

Na numeração falada, uma unidade de qualquer ordem vale dez unidades da ordem imediatamente inferior. Isto é: uma dezena vale dez unidades; uma centena vale dez dezenas; um milhar dez centenas, e assim sucessivamente, de dez em dez, pelo que este sistema de numeração se chama decimal.

Para representação escrita dos numeros servimo-nos dos algarismos arábicos convenientemente dispostos, atendendo a que um algarismo significativo, colocado á esquerda de outro, vale dez vezes mais. O zero, que por si só não tem valor, serve para ocupar o lugar das unidades que não são representadas por algarismo significativo.

Os numeros constituem varias classes: a primeira classe é a das unidades simples; a segunda a dos milhares; a terceira a dos milhões; a quarta a dos biliões; a quinta a dos triliões, e assim por diante.

Cada uma destas classes divide-se em unidades de três ordens, como se ve no seguinte quadro, a partir da direita:

etc.	6. <sup>a</sup> cl. quatrilhões	5. <sup>a</sup> cl. triliões	4. <sup>a</sup> cl. biliões	3. <sup>a</sup> cl. milhares	2. <sup>a</sup> cl. milhares	1. <sup>a</sup> cl. unidades
...	centenas de unidades	centenas de unidades	centenas de unidades	centenas de unidades	centenas de unidades	centenas de unidades
...	dezenas	dezenas	dezenas	dezenas	dezenas	dezenas
...	unidades	unidades	unidades	unidades	unidades	unidades

Para ler um numero temos, pois, de o dividir em classes de 3 algarismos a começar pelo lado direito, podendo a ultima classe, á esquerda, constar de menos de 3 ordens de algarismos. Assim, para ler o numero 72839654578412, fazemos o seguinte:

72'839'654'578'412  
 trilião    bilião    milhão    milhar    unidades

e passamos agora a ler o numero pelo lado esquerdo, assim: 72 triliões, 839 biliões, 654 milhões, 578 mil, 412 unidades.

Do que acima se diz relativamente á função do zero, podemos deduzir que, se a um numero acrescentarmos um, dois, três, etc., zeros, esse numero se tornará uma, duas, três, etc., vezes maior. Reciprocamente: se a um numero, terminado em zeros se suprimem um, dois, três, etc., desses zeros, ele torna-se dez, cem, mil, etc. vezes menor.

### Numeração das quantias

A qualquer quantidade de dinheiro dá-se o nome de quantia.

A base do sistema monetario portuguez e o escudo, que se representa pelo cifrão (₣) e se divide em 100 centavos. Os milhares de escudos podem designar-se por **contos**, e á direita da classe que os representa coloca-se um ponto. Entre a classe dos milhares e a dos milhões (milhares de contos) collocam-se dois pontos. Assim, sete milhões, 458 mil escudos e 25 centavos, escrevem-se:

7:458.000₣25

Quando não há centavos collocam-se 2 zeros no seu lugar.

### Sinais aritméticos

Em aritmética usam-se varios sinais para indicar abreviadamente as operações e a relação que ha entre determinadas quantidades. Destes sinais vamos fixar os seguintes:

- + sinal de sôma que se lê: *mais*.
- " " subtração que se lê: *menos*.
- × " " multiplicação que se lê: *multiplicado por*.
- ÷ ou: " " divisão que se lê: *dividido por*.
- = " " igualdade que se lê: *igual a*.
- > " " desigualdade que se lê: *maior que*.
- < " " " " " " *menor que*.

Tambem ás vezes se indica a divisão colocando o numero que se quer dividir por cima do outro (divisor) separando os dois numeros por meio de um traço horizontal, assim:

$$\frac{8}{2} \text{ (oito a dividir ou dividido por dois).}$$

### Operações fundamentais

Estas operações, vulgarmente chamadas «as quatro operações», são: sôma, subtração, multiplicação e divisão. Chamam-se fundamentais porque nelas se fundamentam todos os outros calculos aritméticos.

#### SOMA

Esta operação consiste em achar o valor «total» ou «sôma» de varios numeros da mesma espécie chamados parcelas. Para este fim collocam-se os numeros uns debaixo dos outros de modo que as unidades fiquem debaixo das unidades, as dezenas debaixo das dezenas e assim por diante. Quando o total de uma coluna exceder 9, formam-se unidades de ordem superior que se passam («vão») para a coluna seguinte. Exemplo:

	4753	parcelas
	291	
	5364	
	852	
	93	
	4352	
Total:	<u>15705</u>	

Quando temos muitas parcelas a somar podemos simplificar escrevendo o total de cada coluna, de modo que as unidades dêsse totais parciais fiquem na devida ordem; somam-se depois os totais parciais, e assim obtemos um número que representa o total da operação. Exemplo:

4753	} parcelas
291	
5364	
852	
93	
4352	} totais parciais
<u>15</u>	
39	
23	
13	} total geral
<u>15705</u>	

Por este processo evita-se o ter de fixar «quantos vão» ou de voltar a somar tudo no caso de sermos interrompidos no decorrer da operação.

Para executar mais rapidamente qualquer sôma, não ha necessidade de, ao somar, dizer: 3 e 1, 4; e 4, 8; e 2, 10; e 3, 13; e 2, 15. Dirêmos simplesmente: 3, 4, 8, 10, 13, 15. E podemos, até, agrupar os algarismos, procurando aqueles cuja sôma perfaz 10, como, por exemplo, tomando a terceira coluna a partir da direita na operação acima citada:

7	} 10
3	
2	} 10
8	
3	
<u>23</u>	

dirêmos: 10, 20, 23

O modo mais expedito de tirar a prova a uma sôma é somar novamente em sentido inverso, isto é: se tivermos somado as colunas de cima para baixo, repetimos de baixo para cima, e vice-versa.

(Continua)

C. G. C.

# ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS PARTIDAS DOBRADAS

(Continuação)

Não se conhece a data em que morreu PACIOLO. A sua primeira obra é de 1470. A ultima é de 1509. Os escriptores que se teem occupado da vida do insigne mathematico e theologo preclarissimo supõem quasi todos que o seu fallecimento se deu aos setenta ou setenta e cinco annos de idade. Sabe-se que em 22 de fevereiro de 1510 foi elle nomeado commissario do seu convento de S. Sepolcro, não sendo exacto, por tanto, como quer LIBRI, que elle tenha morrido logo depois de haver publicado a sua *Divina proportione*, em 1509. Nem tão pouco é verdadeiro o que escreveu SILVESTRO GHERARDI, o qual affirma ter PACIOLO morrido repentinamente em 1509. Tambem se sabe que em 1514 foi elle pela ultima vez a Roma, chamado pelo pontifice Leão X, e alli de novo ensinou mathematica,—sendo a sua palavra ouvida, não obstante a sua idade avançada, com muito enthusiasmo. PACIOLO tem tido accusadores. Até de plagiario tem elle sido averbado. Mas toda accusação contra o mestre genial cae logo apagada pela magistral defeza produzida por BOSSI, no seu *Cenacolo di Leonardo da Vinci*.

Do seu *Tractatus de computis et scripturis* têm-se feito edições modernas.

Em 1878, o professor VINCENZO GITTI, servindo-se dos exemplares das duas edições existentes na *Biblioteca Marciana*, de Veneza, deu a lume o trabalho de PACIOLO, precedendo-o de um douto prefacio e enriquecendo-o de preciosas notas. E agora mesmo, nestes ultimos annos, acaba de sahir á luz, em Milão, a ultima edição desse pequeno e luminoso tratado, na *Biblioteca di Ragioneria*, publicada sob a competentissima direcção do illustre professor GIOVANNI MASSA.

Em maio de 1878 recordaram-se os habitantes de San-Sepolcro do seu grande concidadão e em honra delle celebraram festas e collocaram uma placa na casa em que nasceu.

A placa dizia assim:

—*A Luca Paciolo — Che ebbero amico e consultore — Leonardo da Vinci e Leon Battista Alberti (1) — Che primo diè all'algebra — Linguaggio e struttura di scienza — Insegnò la scrittura doppia commerciale — Detò opere di matematica — Base e norma invariate — A le postere lucubrazioni — Il popolo di San Sepolcro — Vergogmando 370 anni di oblio — Al grande concittadino — Pose.*

Por essa occasião o professor LUIGI MANGONI modelou, com o auxilio de uma estampa antiga, um busto de PACIOLO.

Em 1543 foi o tratado de PACIOLO introduzido na Inglaterra, traduzido por HUGH OLDCASTLE, professor de arithmetica e escripturação mercantil em Londres. E é este o primeiro tratado inglez das partidas dobradas.

Não se conhece hoje nenhum exemplar deste primeiro tratado inglez e delle podemos ajuizar tão sómente pela reimpressão feita em 1588 por John Mellis, tambem professor em Londres.

No mesmo anno de 1543, que viu a publicação do primeiro tratado inglez, apparece tambem o primeiro tratado flamengo. E' o tratado de JAN YMPIN CRISTOFFELS, negociante em Antuerpia. JAN YMPIN refere-se a LUCA PACIOLO e diz:

—*Muitos personagens celebres têm escripto sobre a nobre arte e sciencia da escripturação, como o irmão LUCA PACIOLO, da Ordem de São Francisco.*

Mas YMPIN não soube dizer que o seu trabalho não era mais do que uma traducção do tratado do

irmão PACIOLO. A critica esclarecida de KHEIL não deixa duvida a este respeito. JAN YMPIN copiou PACIOLO. Assim, a primeira obra em flamengo sobre o methodo das partidas dobradas, apparecida em 1543, é uma traducção da de PACIOLO, e como a obra de YMPIN foi no mesmo anno de 1543 traduzida para o francez,—e é esta traducção o primeiro tratado apparecido nesta lingua,—segue-se que tambem o primeiro tratado em lingua franceza é uma traducção do de PACIOLO. JAN YMPIN residiu na Hespanha, em Portugal e na Italia, onde esteve 12 anos em Veneza. Ahi teve elle nas mãos, sem duvida, a obra de PACIOLO, que traduziu para o flamengo,—servindo a traducção flamenga para se fazer a franceza.

Eis como se exprime REYMONDIN, falando de YMPIN:

—*«Monsieur P. KHEIL, de Prague, a consacré à cet auteur plusieurs pages fort interessantes dans son étude «Uber einige» qui nous révèle l'œuvre d'YMPIN est une traduction assez fidèle du «Tractatus» de PACIOLO.»*

Na Allemanha, verdadeiramente, entraram as partidas dobradas por meio de uma traducção do *Quaderno Doppio col suo Giornale secondo il costume de Venetia*, de DOMENICO MANZONI, cuja primeira edição é de 1534. A traducção, publicada em Nuremberg, em 1549, é de WOLFFGANG SCHWEICKER, que residia em Veneza ao tempo em que o seu trabalho apparecia em Nuremberg. E o interessante é que o traductor allemão do *Quaderno Doppio* não menciona, não faz a minima referencia ao trabalho original. Ainda aqui temos a influencia, ou, melhor, ainda aqui temos reproduzido o *Tractatus* de PACIOLO.

Sabem todos que DOMENICO MANZONI, excepto os exemplos praticos de sua obra, copiou o tratado de PACIOLO. A parte expositiva do seu livro é mera transcripção do *Tractatus de computis et scripturis*. Os proprios italianos o confessam. E' CERBONI quem o diz:

—*«Il Libro Mercantile» (apparecido primeiro com o nome de «Quaderno Doppio») si può dire una riproduzione del Trattato di fra Luca, di cui si limita a ravviare un po meglio l'ortografia se non la dicitura.»*

E PLINIO BARIOLA:

—*«Il Libro Mercantile non è però che una riproduzione quasi fidele del Tractatus di PACIOLO. Taluni capitoli vi sono tolti di peso.»*

Assim, pois, copiado por MANZONI, e este copiado por SCHWEICKER, é PACIOLO que introduz na Allemanha o methodo das partidas dobradas.

Incontestavelmente, foi a obra de PACIOLO que tornou conhecido no mundo commercial o methodo das

(1) Leon Battista Alberti nasceu em 1404 e celebrou-se como pintor e esculptor, mas é especialmente conhecido como architecto. (MANCINI GIROLAMO — *Vita di Leon Battista Alberti*). E' o proprio PACIOLO quem declara, num trecho da *«Divina proportione»*, que conviveu em Roma com o famoso esculptor—*«in proprio domicilio com lui a sue spese»*. Por este tempo já devia ser PACIOLO homem de grande saber, porque si assim não fóra não se poderia explicar a estima, affeição e sympathia que elle inspirou a esse Leon Battista Alberti, a quem chama *«homo de grandissima perspicacia e doctrina»*.

partidas dobradas, transportado primeiro para a Inglaterra e para a Belgica, e depois para as outras nações.

Um excellente historiador inglez assim o diz:

—«Paciolo's treatise, incorporated without mention of his name in Manzoni's Quaderno doppio, soon made its progress through the commerce world».

Não admira que assim fosse, porque na verdade a obra de PACIOLO era digna de imitação como excelente modelo.

E' o já citado historiador inglez quem o affirma:

—«When so excellent a system, therefore, was described with the methodical clearness and mastery of detail

which Paciolo commanded, it was natural that treatise should become a standard. And this is exactly what happened».

A obra paciolana permaneceu como excelente modelo, copiada sem cessar durante todo um seculo, na Italia e em todo o mundo, já tomada em seu original, já de MANZONI que a reproduziu no seu *Quaderno Doppio*, accrescentando lhe apenas uma admiravel exemplificação.

A clareza, a exactidão com que PACIOLO expõe o mecanismo das partidas dobradas, como ellas então se praticavam, tem admirado os proprios historiadores italianos.

(Continua)

## J U R O S S I M P L E S

(Continuação)

### Resolução de problemas com taxa inteira

Da fórmula (1) nos serviremos para resolver o seguinte problema:

Calcular o juro vencido pelo capital 3 540\$00, á taxa 5 % em 1 ano, 3 meses e 5 dias.

Dados

$$C=354000$$

$$R=5$$

$$d=1^a, 3^m \text{ e } 5^d$$

ou

460 dias

Desconhecido

$$\text{Juro}=(J)$$

Da fórmula

$$J=\frac{R C d}{36500}$$

substituindo:

$$J=\frac{5 \times 354000 \times 460}{36500}$$

simplificando:

$$J=\frac{5 \times 3540 \times 460}{36500}$$

ou

$$J=\frac{1 \times 3540 \times 460}{73}$$

resolvendo:

$$J=223506,8$$

A fórmula (2) permite-nos resolver:

Calcular o capital que produz o juro 54\$00 em 3<sup>m</sup> e 9<sup>d</sup> á taxa de 4 %.

Dados

$$J=5400$$

$$R=4$$

$$d=3^m \text{ e } 9^d$$

ou

99 dias

Desconhecido

$$\text{Capital}=(C)$$

Da fórmula

$$C=\frac{J \times 36500}{R d}$$

substituindo:

$$C=\frac{5400 \times 36500}{4 \times 99}$$

simplificando:

$$150$$

$$1350$$

$$C=\frac{5400 \times 36500}{4 \times 99}$$

$$11$$

$$11$$

ou

$$C=\frac{150 \times 36500}{11}$$

resolvendo:

$$C=4.977527,2$$

A fórmula (3) conduzir-nos-há á resolução do seguinte problema:

Calcular a taxa a que foi emprestado o capital 5.820\$00 para, em 1<sup>a</sup>, 5<sup>m</sup> e 8<sup>d</sup>, produzir o juro: 390\$00.

Dados

$$C=5.82000$$

$$d=1^a, 5^m \text{ e } 8^d$$

ou

523 dias

$$J=39000$$

Desconhecido

$$\text{Razão}=(R)$$

Da fórmula

$$R=\frac{J \times 36500}{C d}$$

substituindo:

$$R=\frac{39000 \times 36500}{582000 \times 523}$$

simplificando:

$$13$$

$$R=\frac{39000 \times 3650}{582000 \times 523}$$

$$194$$

ou

$$R=\frac{13 \times 3650}{19.4 \times 523}$$

efectuando:

$$R=5,66 \%$$

E finalmente pela fórmula (4) obteremos a resolução d'este problema:

Calcular o número de dias preciso para o capital 3 924\$00 produzir o juro 540\$00 á taxa 5 %.

Dados

$C=3.92400$   
 $J=54000$   
 $R=5$

Desconhecido

Número de dias ou tempo=(d)

Pela fórmula

$$d = \frac{J \times 36500}{C R}$$

vem, substituindo :

$$d = \frac{54000 \times 36500}{392400 \times 5}$$

simplificando :

$$d = \frac{3 \times 15 \times 60 \times 54000 \times 36500}{392400 \times 5}$$

$$d = \frac{456 \times 109}{109}$$

ou

$$d = \frac{3 \times 36500}{109}$$

efectuando :

$$d = 1004$$

ou, reduzindo a complexo :

$$d = 2^a, 9^m \text{ e } 4^d$$

Caso em que a taxa é fraccionária

Se a taxa for fraccionária far-se-há o seguinte : 1. — substituindo R pelo seu valor, sob a forma de quebrado; 2.º — multiplicamos ambos os termos do valor numérico da fórmula pelo denominador da razão; 3. — efectuaremos o quebrado resultante em que ambos os termos são produtos de factores inteiros.

Exemplo: Calcular o capital que vence 540\$00 em 1<sup>a</sup>, 1<sup>m</sup> e 1<sup>d</sup>, á taxa de 5 3/4 %?

Dados

$J=54000$   
 $d=1^a, 1^m \text{ e } 1^d$

ou

396 dias  
 $R=5 \frac{3}{4} \%$  ou  $\frac{23}{4}$

Desconhecido

Capital=(C)

Da fórmula

$$C = \frac{J \times 36500}{R d}$$

substituindo :  $C = \frac{54000 \times 36500}{396 \times \frac{23}{4}}$

multiplicando ambos os termos do quebrado por 4 (denominador da taxa, obtem-se :

$$C = \frac{54000 \times 36500 \times 4}{396 \times 23}$$

simplificando :

$$C = \frac{54000 \times 36500 \times 4}{396 \times 23}$$

$$C = \frac{6000 \times 54000 \times 36500 \times 4}{99 \times 11}$$

ou

$$C = \frac{60000 \times 36500}{11 \times 23}$$

efectuando :

$$C = 8656\$12,6.$$

Taxa semestral, trimestral e mensal

Até aqui temos considerado, em todos os problemas, a taxa anual, que é a mais usada, mas caso se nos apresente a taxa semestral, trimestral ou mensal bastará multiplicá-la respectivamente por 2, 4 ou 12 para obtermos a taxa anual, e depois resolveremos os problemas pelos processos já estudados.

Pois que, sendo o capital sôbre que se calcula o juro, sempre o mesmo, desde o principio ao fim da operação, (característico dos juros simples), e a base a que se refere a taxa (100) constante; como para o mesmo capital (100) taxa (juro) e tempo são directamente proporcionais, se duplicarmos o tempo, resultará para a taxa o duplicar-se também.

Exemplificando, veremos que:

Se 100 em 1 mês rende 2 (taxa mensal)  
 100 em 3 m. renderá  $2 \times 3 = 6$  ( » trimestral)  
 100 » 6 » »  $2 \times 6 = 12$  ( » semestral)  
 100 » 12 » (1<sup>a</sup>) »  $12 \times 2 = 25$  ( » anual)

(Continua)

Valentim Júnior

Comercialista.

1 Para fazermos esta redução, deveremos primeiro dividir por 365 dias, o que dará o quociente — anos — e o resto dias que dividido por 30, dará o quociente — mezes — e o resto — dias; — assim:

$$1004 \begin{array}{r} | 365 \\ \hline 274 \text{ 2 anos} \\ 04 \text{ dias} \end{array} \begin{array}{r} | 30 \\ \hline 9 \text{ meses} \end{array}$$

2 Valor numérico da fórmula: — é o quebrado que resulta da substituição das letras pelos dados do problema.

A Voz do Comercio. iniciará, brevemente, a publicação do seguinte trabalho:

Organização economica dum Sindicato industrial

estudos de Bernardino Godinho

Sumario

CAPITULO I

Da organização em geral — 1 Ideias. 2 Desfiamto dos seus três principios fundamentais: a) precisão, b) Sistematização e c) fiscalização.

CAPITULO II

Monografia dum cartel de emprêsas de moagem — 3 Exposição. 4 Analise. 5 Interpretação.

CAPITULO III

O escritorio da Sede — 6 Serviços tecnicos. 7 Serviços administrativos.

CAPITULO IV

Ligações entre o escritório da Sede e os escritórios dos associados — 8 Instruções. 9 Documentos.

CAPITULO V

Da Contabilidade — 10 Exercicios de aplicação sobre o movimento de um mês.

CAPITULO VI

Da Estatística — 11 Sua definição e importancia. 12 Diversas demonstrações estatisticas.

# SECÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

## HIGIENE MORAL

### Necessidade de toda a gente ter educação moral

I — Quem vive neste mundo tem direitos, tanto maiores quanto maior é o progresso. O direito de poder andar por uma estrada em vez de ter de caminhar por caminhos pedregosos; o direito de com uma estampilha, um pedaço de papel, poder evitar uma grande viagem e mandar para as terras mais longinquoas uma carta ou uma encomenda; o direito a andar em liberdade; o direito de andar de caminho de ferro, de se utilizar os telefones, canalisações de agua, esgôto, etc., são resultados da civilização que contribuem para se viver bem, com mais economia e comodidade.

II — Quem tem deveres precisa de respeitar os direitos dos outros, para não os prejudicar, e por isso tem para com eles deveres, obrigações, que os outros também devem ter para com elle.

III — Ninguém tenha a pretensão de nascer ensinado e dispensar o saber dos outros, que é o produto da sua experiencia e do estudo da experiencia de muita gente durante muito tempo.

IV — O estudo dos deveres constitue a moral, que todo o homem deve conhecer.

V — Toda a gente deve esforçar-se por contribuir o mais possivel para o bem estar, felicidade, aperfeiçoamento e progresso não só seu como dos que o cercam.

VI — As leis indicam castigos, multas, prisões, até a morte, para quem não cumpre os seus deveres. A opinião publica considera pessoa «honrada» a que bem cumpre os seus deveres e deve ser a esse conceito que todo o homem deve aspirar.

VII — Toda a gente deve saber em que consiste ser bom, ser-se honrado. A lei só castiga os crimes de que há «provas», mas ha uma lei a que ninguém pode fugir, que é a da consciencia, cujas provas são as más acções e cujas testemunhas são os que as praticam.

VIII — A consciencia é ao mesmo tempo nma lei e um juiz que julga todos os nossos actos. Toda a gente deve pelo estudo da moral preparar uma sã consciencia.

IX — O homem que mais consciencia tem, mais honrado é, e maior consideração merece dos que o cercam. Se nem sempre a tem é que eles não são todos bons.

X — Pode haver quem seja injusto para com outrem. O facto é muito vulgar porque os homens, quanto mais direitos e comodidades tem tido, mais tem esquecido os seus deveres. Mas pode erguer-se contra alguém a maior calunia, a maior injustiça que aquele que dela é victima em nada é atingido, desde que a sua «consciencia» lhe diga que está innocente.

XI — Uma pessoa para poder julgar-se precisa de conhecer bem quais os seus deveres. Sem isso o falar em consciencia é pronunciar uma palavra vã.

XII — Ha venenos que tornam inconscientes as pessoas mais honradas e de maior prestigio. O alcool, o opio, a cocaina, a morfina, entre outros, estão nestas condições. Quem os usa ou «quere» perder a consciencia (e então é um criminoso), ou não tem força para os evitar (e então é indigno de ter direitos). A lei pune o uso destes venenos.

XIII — Sem consciencia não ha felicidade. A pessoa mais rica, mais sábia ou mais forte, desde que não tenha consciencia é inferior á mais pobre, mais ignorante ou mais fraca, que a tenha.

XIV — Não é o saber que dá a moral. Um juiz, um engenheiro, um medico, um professor, um advogado, não tem moral pelo facto de saberem muito. Se tiverem uma sã moral — que é terem uma sã consciencia — são dignos das profissões que exercem. Não a tendo não passam de armazens de sciencia, de que podem usar para cometerem os maiores crimes.

XV — Ha uma igualdade que é eterna e nenhuma politica pode destruir. É a igualdade perante a moral. Os homens honrados irmanam-se, como os que o não são formam classe á parte.

XVI — Nem toda a gente pode ser sábia, nem toda a gente pode ser forte, nem toda a gente pode ser rica. O que todos devem é querer ser honrados e para isso todos devem saber o que é ser honrado.

XVII — Todo o homem deve ajudar aquele que é mais pobre ou mais fraco do que éle. Todo aquele que sabe deve ensinar o mais possivel quem não sabe. O ensinar a moral nunca deve envergonhar ninguém.

XVIII — Ha quem tema o ridiculo ensinando em que consiste ser-se honrado. Só se deve uma pessoa envergonhar de ensinar o mal, e quem é que o não tem ensinado um pouco?

XIX — Quem ensina o que é a moral não é sempre uma pessoa moralmente perfeita. O que é ridiculo é alguém julgar-se perfeito fisica ou moralmente. Não ha ninguém perfeito e ensinando aos outros o que é a moral também se aprende.

XX — Todos os pais tem o dever de educar moralmente os seus filhos. Vale mais que um filho seja honrado do que seja rico ou forte. Podendo ser tudo, melhor é, mas antes a pobreza e a morte que a desonra.

De «O Correio da Feira».

## COLABORAÇÃO

No proximo numero e seguintes, iniciaremos a Crónica sobre productos farmaceuticos subordinada ao titulo «O Instituto Pasteur de Lisboa e os seus Productos» da auctoría do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Carlos Alberto Leal, que muito deverá interessar aos assinantes e leitores deste jornal, pois, trata-se pôr em evidencia os productos especializados duma Casa que desde 1895 honra sobremaneira a industria farmaceutica.

É sem duvida um assunto de flagrante actualidade visto que, achamos prudente e humanitario que todos conheçam os medicamentos que pôdem atenuar ou dar cura a tantos males de que sofre a humanidade. Antecipamo-nos a agradecer tão preciosa colaboração.

## PENSAMENTOS

Aquele que de manhã se sujeita aos ditames da sabedoria pode à noite morrer contente

*Confucius.*

## ALCOOL OU AGUA?

A agua aumenta o poder digestivo em grandiosas proporções.

O alcool altera as celulas, impede a dissociação das moléculas nutritivas.

A agua facilita a assimilação, o alcool entrava-a.

A agua é o primeiro dos digestivos. A agua é o agente principal em torno da qual gravitam todas as metamofoses que se produzem no seio da celula.

Numa palavra, a agua, liquido normal, coloca só o corpo nas condições do funcionamento normal — todas as outras bebidas devem ser consideradas como verdadeiros medicamentos que se não devem utilizar sem um fim determinado, evitando cuidadosamente todos os abusos.

O que o homem compreende menos é provavelmente o que mais se aproxima da verdade.

*Maeterlinck.*

# CONSULTAS

se guarda-livros de reconhecida

sobre assuntos de contabilidade, tais como fusões, transformações e liquidações de sociedades, etc.; organização de serviços de escritório; abertura, seguimento, fecho ou exame de qualquer genero de escrituração, encarregam-

Dirijir-se a **E. T. C.**

Redacção de «**A VOZ DO COMERCIO**»

Quinzenario dos contabilistas e guarda-livros

Rua de Santa Catarina, 502

Porto

## ESPECTACULOS E DIVERSÕES

### Teatro Sá da Bandeira

Telefone, 2595

Empreza ANTONIO CASTRO

COMPANHIA

**Amelia Rey Colaço — Kobles Monteiro**

O mais homogêneo conjunto portuguez de declamação  
EXCELENTE REPORTÓRIO

### Jardim Passos Manuel

Telefone, 1084

Esplendoroso Music-Hall. O melhor recinto de  
diversões do País. Luxuoso Salão de Festas.

CINEMA F. VARIEDADES

FITAS ESCOLHIDAS

Orquestra Jazz **Odeon**

### Salão Jardim da Trindade

Telefone, 4412

Esta antiga e acreditada casa de espectaculos  
está encerrada provisoriamente, a fim de se adianta-  
rem as obras a que se está procedendo para a insta-  
tação do cinema sonoro.

### Olympia

Telefone, 533

CINEMA MUDO

As melhores produções da arte do silencio musicadas pelo  
ilustre compositor

**Fernando Carriedo**

que dirige uma esplendida orquestra.

### Peninsular Dancing-Club

Avenida Rodrigues de Freitas, 374

Rendez-vous da Jeunesse dorée  
do Pôrto

**BAL MONDAIN**

Aberto á meia noite

### Agua d'Ouro

Telefone, 2619

O cinema sonoro mais luxuoso do Porto

Aparelhos de reprodução **WESTERN-ELECTRIC** precisamente  
eguaes em marca, força e volume de som aos do Cinema

**Paramount** de Paris

**MATINÉES ELEGANTES**

### Novo Salão High-Life

Telefone, 1407

Praça da Batalha

O cinema mais popular do Pôrto

**Peliculas sensacionaes**

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor Antonio Carvalho

### Palacio de Cristal

O cinema mais barato do Porto

na **HAVE CENTRAL** e no **GIL VICENTE**

as terças, quintas e domingos

**Chás dansantes**

no «dancing» do Kestaurant

**JANTARES CONCERTOS**

todos os dias ás 19 horas

**VISITEM O AVIARIO**

### Odeon «Cine-Teatro»

Empreza A. da Silvea Marta - Telefone, 4850

R. Pnto Bessa (angulo da rua Nova da Lomba)

**CINEMA MUDO**

CINE-FARÇAS

**REVISTAS MUNDIAES**

DOCUMENTARIOS

**MAGNIFICA ORQUESTRA**

**PREÇOS POPULARES**